

## **Sombra e realidade**

### *O conflito entre o Velho e o Novo Testamento*

Muitas pessoas criticam a Bíblia por causa de certos exemplos encontrados no Velho Testamento, tais como a poligamia de Abraão, Jacó, Davi e Salomão; a disposição para a guerra de alguns líderes, entre os quais Josué, Sansão, Gideão e Davi; a discriminação dos povos não-judeus; a desvalorização da mulher em relação ao homem e a imposição de castigos bárbaros, como por exemplo, morte por apedrejamento.

Além disso, são também alvos de crítica alguns preceitos meramente ritualísticos do Velho Testamento, tais como a prática da circuncisão, a abstenção de certos tipos de carne e a guarda de dias e festas especiais. Esses preceitos têm servido de pretexto para justificar a existência de uma multiplicidade de doutrinas de muitas correntes dentro do cristianismo ao longo dos séculos.

Embora esses exemplos não se justifiquem à luz dos ensinamentos de Jesus, tanto nos Evangelhos como em todo o restante do Novo Testamento, acabaram inspirando muitas aberrações históricas tais como as Cruzadas, a "santa" Inquisição, as Indulgências e o surgimento de inúmeras heresias, que deram ênfase à este ou àquele ponto.

Felizmente, porém, Jesus Cristo deixou claro e ordenado aquilo que no passado estava obscuro e confuso. Seu caráter e ensinamentos revelam perfeitamente a essência de um Deus cuja essência é o amor (I João 4:8). Por causa disso, lemos em João 1:17 que a Lei foi transmitida por Moisés mas a graça e a verdade vieram através de Jesus Cristo.

Em Mateus 5:38 e 39, por exemplo, Jesus conflita o antigo ensinamento "olho por olho, dente por dente" com a sua mensagem pacífica, dizendo "não resistais ao mal, mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda".

Por ocasião da prisão de Jesus, um de seus discípulos tentou defendê-lo, cortando a orelha de Malco, que estava entre aqueles que vieram prendê-lo. Jesus, porém, advertiu-o dizendo: "mete no seu lugar a tua espada porque todos que lançarem mão da espada, morrerão à espada" (Mateus 26:52). Após isso, colocou de volta a orelha do servo do sumo-sacerdote milagrosamente (Lucas 22:51). Esta atitude confirma que Jesus reprovava o revide e a vingança, que anteriormente eram admitidos pela Lei do Velho Testamento.

Quando Jesus se referia a algum ensinamento anteriormente trazido ao povo através daquela Lei, ele dizia: "ouvistes o que foi dito aos antigos" (Mateus 5:5:21, 27, 33, 38 e 43). No entanto, Ele complementava logo em seguida: "Eu porém vos digo" (Mateus 5:22, 28, 32, 34, 39 e 44), mostrando assim que ele tinha uma mensagem personalizada e autêntica.

Se os preceitos bíblicos se limitassem àquilo que está registrado exclusivamente no Velho Testamento, não se distinguiriam muito em relação aos preceitos do Alcorão dos muçulmanos, no qual está contida a maioria dos preceitos morais dos chamados "dez mandamentos", além da concepção monoteísta de Deus, a prática de circuncisão, a lei do "olho por olho, dente por dente", a abstenção de carne sufocada, a discriminação da mulher, o preconceito com relação a outros povos e costumes, além de inúmeros outros preceitos ritualísticos tipicamente judaicos. Afinal, o patriarca Abraão também é reconhecido pelos islâmicos por causa da paternidade de Ismael, que é considerado o pai das nações árabes, como diz Gênesis 21:21.

Com certeza há pessoas honestas e sinceras tanto no islamismo como no judaísmo, porém, os princípios contidos respectivamente no Alcorão e no Velho Testamento estimulam aquelas pessoas a procederem de forma diferente em relação ao que Jesus ensinou em seu Evangelho.

O restabelecimento das hostilidades no Oriente Médio, envolvendo judeus e árabes palestinos, não chega a ser uma novidade. A disposição desses povos para revidarem toda a espécie de provocação é bem conhecida mundialmente. Na realidade, as gerações vêm ao longo

dos anos testemunhando esse triste "clima de guerra", que envolve homens, mulheres e crianças inocentes nesse palco de atrocidades e banho de sangue. Esse conflito crônico perdura desde a antiga rivalidade entre os irmãos Ismael e Isaque, os quais representam respectivamente os árabes e os judeus.

Chama-nos a atenção, porém, que muitas vezes o pretexto religioso venha a sustentar atitudes tão bárbaras como as que tem sido noticiadas através dos meios de comunicação do mundo inteiro.

Desde a época das Cruzadas, o verdadeiro cristianismo do "negue-se a si mesmo" ensinado por Jesus foi deturpado, havendo os líderes religiosos ocidentais instigado os seus fiéis a tomarem suas armas contra os orientais para evitarem o crescimento da religião islâmica.

Mas não é só o cristianismo medieval que continha aberrações e desvios vergonhosos. O conflito atual entre católicos e protestantes na Irlanda prova que essa situação perdura até os dias atuais.

Por sua vez, o islamismo substituiu a forma sacrificial de animais do judaísmo por uma lei rigorosa, que inclui obrigações diárias aos devotos e fazendo ressurgir entre os fundamentalistas o espírito de fanatismo e violência, sob o pretexto de uma "guerra santa". Os muçulmanos encontram apoio para o revide através dos ensinamentos do Alcorão, que defendia a "Jihad" como forma de propagação e difusão dos ensinamentos de Maomé.

Portanto, a "Intifada" admitida pelos muçulmanos radicais, assim como as "Cruzadas" do cristianismo medieval, ainda que tenham sido consideradas por alguns como "guerras santas" ou "justas", não expressam absolutamente o caráter de Deus, tal como Jesus nos apresentou.

Se no Alcorão a mulher está em condição de desvantagem em relação ao homem, também no Velho Testamento a vemos inferiorizada e até humilhada, pois seu valor era considerado em um pouco mais que o da metade de um homem, como dá a entender Levítico 27: 2 a 7.

Em Deuteronômio 24:1 temos outro exemplo, onde vemos que se um homem desposasse uma mulher e se desapontasse vendo nela alguma coisa feia, poderia despedi-la dando-lhe uma carta de repúdio na mão. O mesmo direito, porém, a mulher não tinha com relação ao seu marido.

Quem não se choca ao saber que aquela lei do Antigo Testamento mandava apedrejar os adivinhos e encantadores (Levítico 20:27), bem como os feiticeiros (Êxodo 22:18) e os homicidas (Levítico 24:17). Também morria por apedrejamento aquele que trabalhasse no Sábado (Números 15:32 a 36), aquele que adorasse outro Deus ou fosse idólatra (Deuteronômio 13:6 a 10), a mulher que perdesse a virgindade fora do casamento (Deuteronômio 22:13 a 21) e até mesmo um filho rebelde (Deuteronômio 21:18 a 21).

Apesar de todo esse rigor e severidade que se verifica em toda a Lei do Velho Testamento, faltava coerência em seus princípios, pois os homens eram estimulados a obedecer simplesmente para desfrutarem das recompensas materiais na Terra. Jesus focalizou várias vezes a hipocrisia dos fariseus impregnados com esse tipo de aspiração.

Uma prova de que no Velho Testamento a materialidade sobrepujava a espiritualidade é que no Antigo Testamento todas as promessas feitas aos homens diziam respeito a aspectos materiais, através de bens, riquezas, filhos (descendência física) e glória terrena (Gênesis 12:10 a 16; 15:13 e 14; 17:8; Êxodo 3:22; 12:35 e 36; Salmos 128:1 a 6). No Novo Testamento todas as promessas de Jesus dizem respeito a aspectos espirituais, num lar celestial desembaraçado das necessidades materiais e interesses terrenos (Efésios 1:3; Colossenses 1:12 e 13).

Sendos os prêmios do Antigo Testamento todos de natureza material, não admira que os discípulos de Jesus, criados naquele ambiente de cobiça e ganância, tivessem dificuldade para compreender a natureza da missão essencialmente espiritual de Jesus. No Novo Testamento, os homens são convidados a deixarem de lado as suas riquezas materiais para participarem de riquezas espirituais, como vemos em Mateus 19:16 a 24 e Tiago 2:5, seguindo o exemplo de Jesus, que sendo rico, se fez pobre por amor, para que através de sua pobreza enriquecêssemos, como diz II Coríntios 8:9.

Os ensinamentos de Jesus, que foram baseados apenas em promessas espirituais e num lar celestial desprovido de bênçãos materiais (João 14:2), contrastam profundamente com os princípios da antiga Lei, que estimulava apenas a busca de interesses terrenos!

Os discípulos de Jesus não compreendiam o verdadeiro objetivo da missão do Mestre, pleiteando cargos e lugares de destaque no futuro reino que eles almejavam, como vemos em Mateus 20:20 e 21. No entanto, Jesus deixou claro para eles que o seu Evangelho envolvia antes de tudo renúncia e mortificação (Marcos 8:34). Aquela filosofia do revide na base do "olho-por-olho, dente-por-dente" que eles ouviram no passado, deveria ser substituída pelo "oferecer a outra face para ser esbofetada" (Mateus 5:38 e 39) ou "amar os inimigos e orar pelos perseguidores" (Mateus 5:44), o que eles jamais haviam ouvido.

Ninguém gosta de "levar desaforo para casa". Na hora que o sangue começa a subir os "pavios-curtos" querem logo "tirar satisfação". É por isso que Mateus 7: 13 e 14 diz que o caminho com Jesus é estreito e os outros caminhos são espaçosos

Pela Lei e tradições dos judeus, os discípulos de Jesus estavam condicionados a perdoarem até sete vezes, mas Jesus orientou-os a perdoarem setenta vezes sete (Mt.18:21 a 22). É evidente que aquele que perdoa quatrocentas e noventa vezes vai perdoar sempre.

Em uma certa ocasião, uma mulher surpreendida em flagrante adultério foi levada pelos fariseus diante de Jesus, com o objetivo de tentar surpreendê-lo em uma armadilha. Como diz João 8:4, a Lei determinava que esse pecado deveria ser castigado com apedrejamento até a morte.

Se Jesus autorizasse o apedrejamento, estaria indo contra todos os princípios de seus ensinamentos. Por outro lado, se Ele não autorizasse aquele castigo, estaria indo contra a Lei, deixando de cumpri-la. Mas Ele sabiamente propôs que aquele que estivesse sem pecado fosse o primeiro a atirar uma pedra.

Como não havia ninguém em condições de fazê-lo, porque a consciência não os deixou, a mulher acabou escapando da morte. Jesus seria o único em condições de jogar pedras na mulher, pois Ele não tinha pecado, mas não o fez porque seu objetivo era salvá-la e não destruí-la. Então Jesus lhe disse: "Vai-te e não peques mais" (João 8:11).

Jesus afirmou em Mateus 5:17 que ele não veio destruir nem impugnar a lei, mas para dar-lhe o sentido e a coerência que nunca teve.

É evidente que para ter autoridade sobre a Lei, Jesus precisaria cumpri-la. Acontece que Jesus não somente cumpriu-a mas ampliou-a, dando-lhe uma dimensão mais coerente e inserida no contexto de um Deus de amor.

Jesus disse que se o padrão de justiça de seus seguidores não excedesse à dos fariseus que observavam a Lei de Moisés, não haveria ingresso para eles no Reino dos céus (Mateus 5:20).

Se não fôra assim, estariam plenamente justificados aqueles que se defendem de algum tipo de má conduta, alegando: "eu não mato, não roubo, não sou adúltero...", quando são reprovados por delitos considerados "menores".

Ao ser argüido por um escriba sobre a questão de qual seria o maior e o mais importante de todos os mandamentos da Lei, Jesus resumiu-os em dois, sendo o primeiro amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e com todas as forças. O segundo, semelhante a esse em importância é amar o próximo como a si mesmo (Marcos 12:28 a 34).

O escriba confirmou o que Jesus afirmara e ainda complementou dizendo que amar a Deus de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e de todas as forças é mais importante do que todos os holocaustos e sacrifícios que a Lei prescrevia. Jesus se agradou da complementação sábia daquele homem e disse-lhe que ele não estava longe do reino de Deus.

É interessante observar que mesmo recebendo esse elogio da parte de Jesus, aquele escriba ainda não estava no Reino de Deus, mas sim "próximo". Ora, se este que respondeu sabiamente e que hoje receberia os aplausos de todos os teólogos da cristandade, não estava ainda efetivamente no Reino de Deus, segundo o parecer de Jesus, o que dirá dos outros tantos religiosos judeus que ainda permaneciam obstinadamente nos rígidos preceitos cerimoniais e sacrificiais da Lei?

Com efeito, Paulo afirma que pela Lei ninguém se justificaria, antes estaria debaixo de maldição (Gálatas 3:10 e 11). Cristo nos livra, contudo, das maldições que estão contidas na Lei, como diz Gálatas 3:13 e nos abre as perspectivas para uma Vida Nova (II Coríntios 5:17).

A prova que a perfeição não estava naquela Lei arcaica e omissa é que em Mateus 19:16 a 21, ao dialogar com um homem que cumpria todos aqueles mandamentos desde a sua juventude, Jesus lhe disse que se quisesse ser perfeito deveria seguir uma nova regra, a qual o jovem resistiu em obedecer. A dificuldade em seguir os poucos mandamentos de Jesus é maior do que toda a complexidade ritualística da Lei do Velho Testamento. Aos olhos de si próprio e de seus compatriotas, a conduta daquele jovem era perfeita, mas não foi o que Jesus concluiu. Por isso, retirou-se triste e desapontado quando Jesus convidou-o a seguir o caminho da perfeição verdadeira.

A prática desses novos mandamentos dentro da dimensão da 2ª milha (Mateus 5:41) distingue os discípulos de Jesus dos seguidores de outros mestres (João 13:35). Nessa linguagem simbólica, a 1ª milha representa os mandamentos arcaicos do Velho Concerto enquanto que a 2ª milha representa os mandamentos restaurados do Novo Concerto, ensinados por Jesus.

Ao observarmos a Lei no Velho Testamento temos ali os famosos dez mandamentos, relacionados em Êxodo 20:3 a 17. Comparemos alguns exemplos dentro desses mandamentos:

- O 6º mandamento dizia para não matar. Jesus citou este mandamento e ampliou-o dizendo que o encolerizar-se já é pecado (Mateus 5:21 e 22). No Velho Testamento a condição era na base do "olho-por-olho, dente-por-dente" (Êxodo 21:24), mas Jesus ensinou a reconciliação com os adversários e o não revide às afrontas, o que é muito mais difícil e exige renúncia e humildade (Mateus 5:24, 25 e 39).
- O 7º mandamento falava sobre o adultério. Jesus citou este mandamento e ampliou-o, dizendo que o atentar para uma mulher para a cobiçar já caracteriza o adultério intencional (Mateus 5:28).
- O 10º mandamento proibia a cobiça dos bens do próximo. A conduta, porém, que Jesus ensinou a seus discípulos não se limitava a deixar de cobiçar, mas a passar a dar, como fez Zaqueu após sua conversão (Lucas 19:1 a 10), o que é muito mais abrangente. Essa disposição passou a caracterizar os genuínos seguidores da doutrina de Jesus (Atos 20:35).

Portanto, podemos afirmar que de uma forma geral, Jesus ampliou toda a Lei, dando-lhe um sentido mais completo, não se limitando a arbitrar somente sobre o que o homem faz, mas também sobre o que deixa de fazer. Esse princípio está claro em Tiago 4:17.

Não é à-toa que embora um homem rico admitisse conseguir cumprir toda a lei do Velho Testamento desde a sua mocidade, não conseguiu contudo cumprir um único mandamento que Jesus lhe dera dentro do conceito da 2ª milha (Marcos 10:17 a 22).

Portanto, fica claro que os mandamentos que Jesus trouxe são mais abrangentes e superam os mandamentos mencionados no Velho Testamento.

Acontece, porém, que em Jesus não ocorreu simplesmente o cumprimento da Lei, mas Ele trouxe ainda revelações inéditas que confundiram os judeus ortodoxos. Até então o padrão de perfeição da Lei e dos profetas consistia em fazer aos homens aquilo exatamente que gostaríamos que eles também nos fizessem (Mateus 7:12). Esse princípio nada mais é que o tão famoso "toma-lá, dá-cá"!

Jesus afirmou em João 13:34 que trouxe um Mandamento Novo. O mandamento é novo porque nunca ninguém ousou colocar um padrão de amor ao próximo na mesma medida com que Jesus nos amou (João 15:12 a 17).

Como que uma Lei que justificava o revide poderia contemporizar com a doutrina de amar o inimigo, bendizer os maldizentes, fazer bem aos que odeiam e orar pelos que maltratam e perseguem, como diz Mateus 5:44? É muita discrepância! Uma lei tão cheia de parcialidades e favorecimentos só poderia gerar corações obstinados e soberbos como os daqueles fariseus contemporâneos de Jesus.

Jesus nos trouxe a liberdade que entre outras coisas nos liberta também do jugo da servidão daquela Lei (Lucas 4:19; João 8:36).

O apóstolo Paulo compara em Romanos 7:1 a 6 a emancipação daquela Lei com a emancipação de uma mulher que acabou de perder o seu marido e agora não está mais sujeita ao falecido. Em Gálatas 3:24, ele faz uma outra comparação - da Lei do Velho Testamento com um "aio", o qual se justificaria apenas na fase de preparação para o ministério de Cristo. "Aio" ou pedagogo significa a pessoa que ensinava as primeiras letras às crianças de famílias nobres, num processo de alfabetização. No versículo seguinte, porém, ele diz que depois que a fé veio, não faz sentido alguém continuar a estar debaixo da tutela do "aio".

Sendo assim, quem está dando crédito àquela Lei ainda está no "pré-primário" da carreira cristã. Ora, quem já foi alfabetizado, não precisa ficar mais recorrendo a cartilha e quem já evoluiu na matemática não precisa ficar preso à tabuada. Quem andava de muletas, não precisa mais delas depois que foi curado.

Quem segue os mandamentos de Jesus, onde se encontram misericórdia, perdão, e compreensão, não precisa ficar sujeito àqueles mandamentos repletos de jugo, severidade, dureza e inflexibilidade do Velho Testamento, mesmo porque em termos práticos, enquanto os mandamentos de Jesus produzem efeito sobre a vida e o caráter de seus seguidores, aqueles mandamentos obsoletos só produziam soberba e presunção, como vemos em Lucas 18:11 e 12.

A expressão "tábuas de pedra" de II Coríntios 3:3 caracteriza bem a frieza e inflexibilidade daquelas leis ritualísticas, ávidas por punir e trazer mais e mais condenação sobre os homens. Quão diferente é a lei de Cristo, gravada nas "tábuas de carne" do coração!

Aquele ministério da lei gravado em tábuas de pedra é chamado por Paulo de "ministério da morte e condenação" em II Coríntios 3:7 a 9 ou ainda "ministério da letra" em II Coríntios 3:6. O texto diz no versículo 7 que havia uma "glória" naquele ministério, que se refletia sobre o rosto de Moisés, a qual contudo era transitória. Inconformado com aquele brilho que se esvaía, Moisés providenciava um véu que colocava antes da glória se extinguir completamente, para que ninguém contemplasse a sua condição última (II Coríntios 3:13). Paulo continua explicando no versículo 13 desse texto, que quem está debaixo daquela Lei, tem sobre si um véu de vergonha como Moisés, para assim não admitir a realidade da suplantação do Novo Concerto em relação ao Velho.

A expressão "aio" ou "pedagogo" que o apóstolo Paulo usou em Gálatas 3:24 para definir a serventia daquela Lei que vigoraria até o advento de Cristo significa "aquele que ministra as primeiras letras, ou os rudimentos primários". Isto quer dizer que a maturidade e a perfeição vieram pela Lei de Cristo e não pela que os judeus receberam pela instrumentalidade de Moisés.

Havia necessidade de se partir de um estágio inicial limitado e débil para se chegar ao final, que trouxe vida e salvação. Jesus veio colocar ordem numa casa desordenada, onde a hipocrisia e religiosidade aparente reinavam. Se Ele não tivesse vindo, com certeza estaríamos hoje sacrificando animais em altares e queimando incenso em Templos, como faziam os judeus antes da vinda do verdadeiro Messias.

A Lei sacrificial do Velho Testamento visou basicamente a moral dos indivíduos, porém admitiu a justiça com vinganças e castigos. A Lei de Jesus no Novo Testamento visa moldar o caráter das pessoas dentro de uma perspectiva de perdão e regeneração plena.

Portanto, naquilo que a Lei do Velho Testamento ficou obsoleta pela sua superficialidade, os mandamentos de Jesus sobrepujaram e trouxeram com clareza a síntese de tudo aquilo que a Lei expôs de forma nebulosa e confusa.

Jesus veio cumprir o que nunca ninguém ousou cumprir. Veio destruir o império da morte e da condenação. Veio desfazer a sentença que pesa implacavelmente sobre todos os homens, especialmente sobre os não-judeus, como diz Colossenses 2:14.

Veio, enfim, trazer mandamentos coerentes e que estão em plena harmonia com a vontade de Deus. Quando em Romanos 12:1 lê-se acerca de um "culto racional", pode-se concluir que o verdadeiro culto a Deus deve ser acima de tudo "racional e coerente".

O texto de Hebreus 7:18 e 19 afirma que a Lei do Velho Testamento, também chamada "precedente mandamento", foi superada por causa de sua "fraqueza e inutilidade".

Fica claro, portanto, que Jesus trouxe mandamentos mais abrangentes e consistentes, dando novo sentido àquilo que ficou obscuro e confuso por séculos. Por isso Ele salgava onde estava insípido (Marcos 9:50) e recomendou a seus seguidores que também fossem como o sal.

Ele causou polêmica ao questionar aqueles que o acusaram de ter curado um homem no dia proibido de Sábado, sendo que os tais circuncidavam alguém no Sábado simplesmente para seguir a observância rigorosa do ritual no oitavo dia após o nascimento, conforme Levítico 12:3. Com isso, desobedeciam sua própria Lei, com um motivo muito menos nobre, como Jesus argumentou em João 7:22 e 23.

Jesus não estava preocupado com aparências e formalidades. Valia mais para Ele trazer algum benefício a alguém necessitado do que estar preso a um fanatismo insano, como era o caso daqueles religiosos judeus de João 5:16, que procuravam matá-lo.

Tudo o que estava profetizado na Lei de Moisés, nos Salmos e nos profetas veio a se cumprir em Jesus, como Ele mesmo declarou em Lucas 24:44. Em Mateus 11:13 está escrito que a Lei e os profetas vigoraram até João Batista.

Todo o Velho Testamento não tem o menor sentido se aquilo que foi representado por figura não estiver relacionado com a realidade trazida por Jesus. Segundo Hebreus 10:1, a Lei continha a "sombra das realidades futuras" mas a imagem exata veio através de Jesus.

Isto não significa que aquelas escrituras anteriores à vinda de Cristo devam ser completamente ignoradas, mas que devemos olhá-las dentro de uma ótica figurativa com relação ao que haveria de acontecer posteriormente.

Muitas alegorias e figuras do Velho Testamento apontam para Cristo e dele testificam profeticamente. Jesus desafiou os escribas judeus a examinarem as escrituras, pois estas dariam crédito aos seus ensinamentos. Em João 5:39, porém, Ele ironizou o fato de que seus interlocutores julgavam ter através delas a vida eterna (João 5:39).

As escrituras que compunham o Velho Testamento serviram apenas para delinear sombras (Colossenses 2:16), fornecendo uma silhueta da imagem real. Aquilo que é verdadeiro e definitivo viria com a revelação de Jesus. A sombra dá apenas uma idéia parcial da realidade.

Embora aqueles episódios descritos naqueles 39 livros tenham ocorrido de fato ao longo da história com personagens autênticos, tipificavam, contudo, outros eventos relacionados com Cristo e seus seguidores, que estariam ainda por ocorrer.

Dessa forma, Paulo explica que o "primeiro Adão" era figura do último (Romanos 5:14 e I Coríntios 15:22 e 45) e que a "passagem no Mar" seguida da peregrinação no deserto (I Coríntios 10:1 a 6) serviriam de advertência para os futuros cristãos.

A "arca e o dilúvio" foram relacionados pelo apóstolo Pedro com o batismo da regeneração (I Pedro 3:21), numa figura que lembra a salvação pela passagem através das águas.

O "tabernáculo do deserto" com os seus pertences foram identificados em Hebreus 9:9, 23 e 24 com o Tabernáculo celestial e o serviço sacerdotal de Cristo. A diferença é que aquilo que era temporal e falível veio a ser substituído por um sacerdócio eterno e infalível, do qual Jesus é o Mediador.

Uma vez chegado o que é real, o virtual deixa de ter a importância maior que tinha quando não havia absolutamente nada. Em Hebreus 8:13 está escrito que aquele Testamento envelhecido haveria de desaparecer repentinamente.

Em Gálatas 3:21, Paulo diz que se houvesse uma Lei que pudesse vivificar alguém, a justiça viria por ela, o que todavia não ocorre. Assim também em Atos 13:38 lemos que "de tudo que o homem não pode ser justificado pela lei de Moisés, por Jesus é justificado todo aquele que nele crê".

Portanto, aquelas leis jamais poderiam servir como base doutrinária ou regra de fé para quem quer que seja, mesmo porque para efeito de salvação, foram declaradas totalmente ineficazes, conforme Gálatas 2:16.

Quando Jesus dá um "Novo Mandamento" em João 13:34, dá a entender que a Lei até então em vigor não contemplava absolutamente a essência de sua doutrina, a qual não era propriamente sua, mas do Pai , como ele diz em João 12:49 e 50.

Não dá para comparar a complexidade de pormenores e preceitos complicados do Velho Testamento com a simplicidade e singeleza do Evangelho ensinado por Cristo. Por isso o Pai atestava e confirmava os mandamentos do Filho, como diz I João 2:8.

O que Jesus ensinou nunca foi ensinado. O que Jesus pregou nunca foi cogitado. Nunca houve anteriormente coragem nem autoridade para poder afirmar o que Jesus afirmou. Por isso sua Palavra chamava a atenção do povo, em relação ao que ouviam da parte dos escribas e fariseus (Mateus 7:29; Marcos 1:22; Lucas 4:32).

Em Cristo está encerrado o grande mistério de Deus, como diz Romanos 16:25..."a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos"; também I Coríntios 2:7..."a sabedoria de Deus em mistério que esteve oculta, a qual Deus preordenou antes dos séculos" e ainda Efésios 3:3 a 9 e Colossenses 2:2, que falam do "mistério de Deus que é Cristo, que desde os séculos esteve oculto em Deus".

Por todas essas razões, concluímos que Jesus é autor e mediador de um Novo Testamento como diz Hebreus 9:15, do qual Ele próprio foi o fiador, tendo o Velho sido abolido pela sua fraqueza e impotência diante de um ministério tão superior (II Coríntios. 3:14 e Hebreus 7:18).

*Oswaldo Carvalho*